

GONÇALVES DE MAGALHÃES E A CIVILIZAÇÃO DO IMPÉRIO DO BRASIL ATRAVÉS DA POESIA

Marcelo de Mello Rangel¹

RESUMO: O presente artigo analisa as poesias de Gonçalves de Magalhães, publicadas no ano de 1836, em Paris, intituladas *Suspiros Poéticos e Saudades*. De acordo com Magalhães, os homens e mulheres da *boa sociedade* eram egoístas, ou seja, eram orientados pelos seus desejos ou ainda por suas inclinações a despeito da razão e precisavam ser civilizados, o que significa dizer que deveriam aprender a pensar e a agir de forma adequada em nome do bem comum. Caberia à poesia a função de civilizar os homens e mulheres da *boa sociedade*, quer representando a natureza e provocando-os, por conseguinte, às experiências da finitude e de Deus, o que instauraria, necessariamente, o *éthos* da modéstia e do amor à “pátria”, à comunidade, quer evidenciando determinados sentidos, como a liberdade e a crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Gonçalves de Magalhães. Romantismo. Literatura. Civilização

ABSTRACT: This article analyzes the poetry of Gonçalves de Magalhães, published in the year of 1836 in Paris, entitled *Suspiros Poéticos e Saudades*. According to Magalhães, the men and women of *good society* were selfish, that is, they were instructed by their desires or inclinations, regardless of reason, and needed to be civilized, which means that they should learn to think and act appropriately on behalf of the common good. It would be the function of poetry to civilize men and women of the *good society*, representing nature and provoking them, therefore,

¹ Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC –Rio).

the experiences of finitude and God, which would either establish necessarily the *éthos* of modesty and love for “homeland”, for community, or showing certain meanings, such as freedom and criticism.

KEYWORDS: Gonçalves de Magalhães. Romanticism. Literature. Civilization

A poesia e a civilização do Império do Brasil

Todos te adoram, sim, meu Deus, mas como?/ Este no sol te vê, na lua aquele,/ Qual um touro te crê, qual um tirano:/ E entre si disputando a preferência,/ Todos ufanos conhecer-te julgam. (MAGALHÃES, 1999, p. 70)

Gonçalves de Magalhães descreve uma época doente, que teria se perdido de Deus. Trata-se de um desencontro especial, porém. Os homens não teriam esquecido de Deus, pelo contrário, o viam por toda a parte, uns no “sol”, outros na “lua”, o entreviam e nele criam até sinceramente, de todo o coração, transformando-se em “touros” e “tiranos”. O problema denunciado pelo poeta não é, propriamente, o do afastamento de Deus, mas o de certa proximidade excessiva, podemos dizer. Todos se “ufanavam” de conhecer algo que, ao fim e ao cabo, não podia ser conhecido.

Magalhães denuncia um tempo sem medida, esta seria a principal característica de sua época do período regencial. Sem medida significa, nesse caso, sem um horizonte unificador responsável pela orientação dos homens e mulheres da *boa sociedade*.² O que se testemunharia, então, era um tempo de múltiplos nortes. Uns se orientavam pelo “sol” outros pela “lua”,

² *A boa sociedade* significa, conforme Ilmar Rohloff de Mattos: “aqueles que eram livres, proprietários de escravos e representados como brancos”. (MATTOS, Ilmar R. de. *Transmigrar – Nove Notas a Propósito do Império do Brasil*. In: PAMPLONA, M. A.; STUVEN, A. M. (Org.). *Estado e nação no Brasil e no Chile ao longo do Século XIX*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 117.

ou seja, cada um existia e concretizava sentidos no interior de um horizonte particular, o que resultaria, segundo o poeta, na produção de imperativos distintos e equivocados.

Esses homens que viviam de forma “egoísta” se entregavam a quaisquer imperativos capazes de garantir sua satisfação imediata sem refletir detidamente acerca do que os orientava. Comportavam-se como “touros”, como “tiranos”, devotados a imperativos contraditórios, enfim “confusos”. Nesse âmbito, a razão não seria capaz de perceber que estava sendo orientada pelos instintos e afastada da evidenciação dos enunciados universais que deveriam norteá-la.

A poesia seria responsável pela revolução de uma sociedade desordenada, na qual vigorariam valores diferentes e arbitrários, estes que não eram percebidos como produções “egoístas” acabavam lutando cegamente, entre si, no sentido de assumir a condição de universalidade. Ao longo do período regencial a razão se encontrava obliterada, orientada pelas inclinações. Em verdade, faltaria aos homens e mulheres da *boa sociedade*, em especial, um horizonte moral determinado capaz de fornecer os sentidos necessários à domesticação dos apetites e à conquista do progresso moral e material. Conforme podemos ler:

No céu rutula o sol, e sobre a terra/
Caem seus raios como chuva
de ouro:/ Mas cada flor, um raio recebendo,/
De um esmalte diverso
se colora./ Ó tu, qu'eu amo como casta virgem!/
Sim, tu és como Deus, diva Poesia!/
Sim, tu és como o sol!.. Por toda parte/
Cultos te rendem de uma zona à outra;/ [...] Qual da verdade o Anjo,
Que tudo vê com olhos luminosos/
Tua voz semelhante a uma torrente/
Tudo abala, e consigo arrasta tudo./ Ó Poesia, ó vida da Natura!
Ó suave perfume/
D'alma humana exalado!/
Ó vital harmonia do Universo!/
Tu não és um fantasma da beleza,
Falaz sonho de mente delirante,
E da mentira a deusa;/ Tu não habitas só da Grécia os montes,
Nem só de Febo a luz te inspira o canto! (MAGALHÃES, 1999, p. 70 et. seq.)

A poesia é comparada a “Deus”, ao “sol”, a um “anjo” que “tudo vê com olhos luminosos”. A poesia é como o sol, é o horizonte

ideal capaz de permitir ao homem certa experiência do real – a experiência da compactação da pluralidade de sentidos que o real oferecera sempre uma vez mais –, ela possibilitaria ao homem a organização do real– “anjo, que tudo vê com olhos luminosos [...] tudo abala, e consigo arrasta tudo”. Ser Deus, sol ou anjo que tudo vê é uma e a mesma coisa, e isto porque o que está em questão é uma revolução na forma dos homens se comportarem em meio ao real. Ao invés de passivos, repetindo sentidos e experimentando inclinações, os homens ganham, através da poesia, a possibilidade de conquistar uma postura adequada em relação ao real, evidenciando unidades de sentido capazes de oferecer a força interpretativa necessária à sua ordenação, mesmo que precária.

A poesia não é um “falaz sonho de mente delirante”, pelo contrário, ela é um âmbito ideal à experimentação da pobreza e de Deus, ou se quisermos da eternidade, bem como repositório de exemplos “luminosos”, capaz de oferecer a medida necessária à fundação de uma existência adequada. Mas a crítica do poeta se agudiza ele afirma que para se conquistar a verdadeira luz, ou seja, para se fazer uma poesia capaz de determinar o real, seria necessário afastar-se de toda a “confusão” armada pelos homens e mulheres da *boa sociedade* e de instaurar modos de ser e critérios morais adequados à sua conformação problemática. Acompanhemos:

De alvo manto coberta, roçagante,/ Lá no meio da noite, quando
a lua/ Só para os mortos alvejar parece,/ Como a lanterna fúnebre
do claustro,/ Tu, encostada à Cruz do cemitério,/ Como o anjo da
morte,/ Ao som de uma harpa suspirando exalas/ De quando em
quando teus sagrados salmos./ Quando tu pausas, gemebundo o
vento/ Vai também entre os lúgubres ciprestes/ Teus últimos acentos
murmurando. (MAGALHÃES, 1999, p. 72)

A poesia em seu “manto alvo”, como a lua em “meio à noite”, tem como cenário o cemitério e como plateia os mortos. Ou seja, é preciso estar morto para o mundo que vigora, para suas concepções, para que se possa compor uma poesia de acordo

com as requisições mais recônditas e essenciais do real, pois conforme podemos acompanhar: “mal não fazem os mortos;/ Só entre os vivos o temor é justo” (MAGALHÃES, 1999, p. 169 et. seq.). É preciso morrer, ou ainda, afastar-se da civilização “confusa” e equivocada cuidada pelos homens e mulheres da *boa sociedade*, e aqui podemos compreender a paixão do poeta por Bayron. A poesia e a “lanterna fúnebre do claustro” repercutem uma mesma experiência, a da dúvida, a da retração perante o mundo. Não à toa o poeta tinha o sonho, em sua juventude, de se tornar padre, desejava desde muito cedo, antes mesmo de sua viagem à França, no ano de 1833, afastar-se de um real que parecia em tudo claudicar.

No cemitério, o poeta conquistaria a possibilidade de experimentar radicalmente a pobreza humana, entre mortos experimentaria a frugalidade de tudo o que existe, porque estaria à procura de um sentido radical capaz de justificar e de determinar uma vida árida em fundamento que ia se transformando em tarefa ainda mais difícil em função das “confusões” provocadas pelos homens e mulheres “egoístas”.³

³ Magalhães descreve aquilo que sentira ao visitar a sepultura do poeta Filinto Elísio, como podemos ler: “Eis-me fora do mundo,/ Nas solidões dos mortos,/ No império do silêncio, e da tristeza,/ De campas, e ciprestes rodeado!/ Cenas aqui não há que aprazar possam/ Aos sentidos daqueles, que embebidos/ Nas ilusões do mundo, a morte temem,/ Como o completo termo da existência;/ Cegos, que a luz não virão do infinito!/ À sombra destas árvores chorosas,/ Encostado a um sepulcro,/ Ócio não pasta o rico em sesta amena;/ Nem quem o vero bem no engano cifra/ Deste vale de angústias./ À dor esta mansão é consagrada,/ E à saudade, e às lágrimas dos vivos,/ Que a Deus, e à Eternidade a mente sobem/ Aqui, sim, ó minha alma, aqui te exalta;/ Solta as prisões do barro que te oprime,/ E vaga sem horror na imensidade./ Estas ruas de túmulos soberbos,/ Que cidade figuram,/ Só corruptos cadáveres habitam,/ Poeira, nomes, e ossos desencarnados./ Os mortos que nos mármore repousam,/ Não te encham de terror; nem os gemidos/ De alguma triste esposa, ou mãe saudosa;/ Nem do vento o murmúrio,/ Que merencório soa entre os ciprestes./ Nada temas, minha alma;/ Preconceitos da infância te não gelem;/ Não; sem susto vagueia;/ Mal não fazem os mortos;/ Só entre os vivos o temor é justo” (MAGALHÃES, *Suspiros Poéticos e Saudades*, p. 169-171). Sobre a experimentação radical da finitude forçada pela presença

O som da poesia é “lutuoso”, é tardio, celebra a morte de uma civilização doente, “egoísta”. Ela nasce longe da *boa sociedade* e chega depois, sua função é a de orientar os homens e mulheres a concretizarem ideias e costumes até então inéditos, adequados à vida, ou ainda, fundados na modéstia e no amor. Enfim, a poesia faz renascer, ressucita, pois “Nas cavas sepulcrais som lutuoso/ De tua voz reboa./ Dirias que animados por teu canto,/ Os mirrados cadáveres se elevam/ Do fundo dos jazigos,/ E sobre as lousas curvos,/ Cantam n’um coro o místico estribilho”. (MAGALHÃES, 1999, p. 73).

Enfim, o poeta, afastado de uma sociedade amoral, ou ainda “egoísta”, próximo aos mortos, seria capaz de realizar as experiências da finitude e da eternidade e de compreender, por conseguinte, quais eram os imperativos que deveriam ser concretizados para que a vida árida se tornasse também alegre. Ele faria de seu canto um âmbito privilegiado à experimentação da finitude e da eternidade (de Deus), orientando os homens e mulheres da *boa sociedade* a pensar e a agir de forma justa, ou ainda, a partir de sentimentos como a alegria (“riso”), a “prudência”, o “vigor”, a “clemência”, o “amor”, a “constância e o “pudor”, ou ainda, a modéstia. Como podemos ler:

Ó mágico Nume,/ Que minha alma adora,/ Do céu sacro lume,/ Que
abrsa e vigora/ O meu coração!/ Tu és o perfume/ E o esmalte
das flores,/ Dos sóis os fulgores,/ Dos céus a harmonia,/ Do raio o
clarão!/ Tú és a alegria/ De uma alma piedosa,/ E a voz lutuosa,/ A

em um cemitério, também podemos ler o seguinte trecho – “Quem, penetrando as negras catacumbas,/ Escondidas da terra nas entranhas,/ Dos mártires cristãos leitos de morte,/ Onde não entra o sol, nem entra a lua,/ E só pequena luz, na mão do guia,/ Trêmula, moribunda bruxoleia,/ Como pálida estrela, ou como um olho/ Do Gênio habitador daquelas trevas;/ Quem não se enche de horror? Quem falar pode?/ Só ver, e emudecer; a língua é fraca;/ As grandes comoções não se descrevem./ Como é tão eloqüente a lisa pedra/ Que só diz: - Aqui jaz Torquato Tasso!/ Quando todos os mármorees ligados,/ Inda assim receber não poderiam/ Seus versos imortais por epitáfio!/ Assim eu, receando dizer pouco,/ Não podendo pintar tanta grandeza,/ Eloqüente serei nada dizendo”. (Ibidem, p. 229-230)

voz d'agonia,/ Que escapa do peito,/ De quem vai ao leito/ À terra
baixar. Tu és dos desertos/ O som lamentoso,/ E o eco choroso/
Das vagas do mar./ Tu és inocência,/ E o riso da infância,/ Do velho
a prudência,/ Do moço o vigor,/ Do herói a clemência,/ Do amor a
constância,/ Da bela o pudor. (MAGALHÃES, 1999, p. 74-5)

O poeta e sua missão civilizadora: entre plenitude e carência

Por que cantas, ó Vate? Por que cantas?/ Qual é a tua missão? O
que és tu mesmo?/ Para ti nada é morto, nada é mudo?/ Co'o sol, e
o céu, e a terra, e a noite falas./ Tudo te escuta; e para responder-
te,/ Do passado o cadáver se remove,/ E do túmulo seu a fronte
eleva;/ O presente te atende; e no futuro/ Eternos vão soar os teus
acentos! (MAGALHÃES, 1999. p. 61)

O vate canta, pois tem uma missão, é o que julga Magalhães. Trata-se, então, de compreender a missão do primeiro e, a um só tempo, o seu método. Sobre este, o trecho acima é eloquente, ele assinala uma espécie de cuidado constante necessário ao poeta. O vate tem de colocar-se numa postura de atenção, pois deve experimentar cada situação, "nada é morto, nada é mudo". O vate deve auscultar a natureza, buscando compreender seus sinais, ele fala "Co'o sol, e o céu, e a terra, e a noite". O poeta também inquire o passado, buscando integrá-lo no presente em nome do futuro. A natureza e o passado se apresentam, assim, como os dois principais interlocutores do vate. Mas qual seria o sentido desse cuidado com a natureza?

Umás vezes soberbo, impetuoso,/ Qual a águia que sublima o
céu devassa,/ E do céu sobre a terra os olhos desce/ Teu ígneo,
alado gênio, no ar suspenso:/ Não, ó mortais, não vos pertenço,
(exclama)/ Eu sou órgão de um Deus; um Deus me inspira;/ Seu
intérprete sou; ó terra! Ouvi-me.

Outras vezes, nas selvas meditando,/ Sobre um tronco assentado,
junto ao rio,/ Que embalança da lua a argêntea cópia;/ Como entre
as folhas sussurrante vento/ Gemer parece, e de algum mal carpir-

se,/ Tu gemes, e co' o verme te comparas,/ Que arrasta pelo chão
a inútil vida;/ E vês nas águas, que a teus pés deslizam,/ a imagem
de teus dias fugitivos. (MAGALHÃES, 1999, p. 62-63)

Percebemos dois momentos no trecho acima, no primeiro o poeta aparece como uma espécie de representante divino na terra, como parte especialíssima da natureza, no segundo momento dá-se algo como uma consciência, que se compreende como um elemento da natureza um ente em tudo frágil. Aqui aparece o valor da natureza para os primeiros Românticos, em especial para Magalhães, qual seja – uma espécie de aceno que aponta para a finitude dos homens em geral, inclusive do vate. Investigando a natureza, reconstituindo as suas relações, o vate acolhe a compreensão de que mesmo ele pode sucumbir ao infortúnio que a vida seria, tornando-se “egoísta”, por exemplo.

No primeiro trecho, o poeta é apresentado como “soberbo” e “impetuoso”, um ente perfeito dotado de “asas”, capaz de voos “sublimes” como a “águia”. O poeta não estaria submetido, sequer, à força da gravidade, pois está “no ar suspenso”, pelo fato de ser a criatura mais bem acabada entre todas as outras que compõem a natureza. É extensão de Deus, por ele inspirado ou animado se preferirmos, seu “intérprete”, aquele que tudo vê e que, para o bem da humanidade, precisa ser “ouvido”. Enfim, o poeta seria um ente especial entre os outros, superior aos homens em geral. É “mágico”, o que significa “genial”, é capaz de criar sentidos fundamentais ao ânimo dos homens e de provocar o progresso moral e material de sua “pátria”. A ele é confiado o poder de orientar os homens, bem como de julgá-los, em verdade, um “déspota” que salva e que condena com soberania, vejamos: “Do mágico poder depositário,/ Qual um gênio entre os homens te apresentas./ Ante ti não há rei, nem há vassalo./ Tu nos homens só vês virtude, ou vício./ Como um déspota, ufano em teus delírios,/ Uns cercas de imortal auréola tua,/ Outros condenas ao opróbrio, e à morte.” (MAGALHÃES, 1999, p. 62).

O segundo trecho destacado mais acima descreve o poeta como frágil se comparado a outros entes da natureza, como o “rio”,

a “selva”, a “lua” e o “verme”. O vate se senta cuidadoso em meio à selva, e isso não porque deseja conhecer exatamente o que é a natureza, estabelecendo em relação a ela uma atitude puramente objetiva. Olhando para a natureza o vate não pretende produzir um conhecimento geométrico, autônomo e capaz de providenciar sua domesticação. Ele não tem interesse em evidenciar a totalidade conformativa que a natureza constitui e, por fim, antecipar-se a ela, corrigindo-a, mas pretende compreender a existência humana através da natureza, ou ainda, pretende entrever a sua determinação. A natureza aparece, assim, como um espaço privilegiado através do qual o vate entrevê a determinação dos homens em geral – a finitude, e compreende, por conseguinte, sua própria condição, a saber, a de ser “gênio” e “verme” a um só tempo.

Através da observação atenta dos demais entes que compõem a natureza, o vate modula a percepção de si mesmo, um “gênio” que revela os mistérios fundamentais do universo, bem como um ente fraco e exposto a derrotas e à corrupção. Em verdade, o que está em jogo aqui é a compreensão, por meio da observação e da experimentação da natureza de que o vate é, junto aos homens em geral, originariamente exposto ao erro. E continua:

Canta, ó Vate! Sagrados são teus cantos!/ Canta, que o céu te inspira, o céu te inflama;/ Canta, que apesar seu, te escuta o mundo,/ E o vício de te ouvir treme de medo./ Não, não és um mortal quando tu cantas;/ És o arcanjo da justiça eterna!/ Lâmina acesa, fulminante empunhas,/ Com que prostras por terra a fronte ao crime,/ Com outra mão elevas o homem justo [...]/ Ah, não profanes o teu gênio, ó Vate! [...] As riquezas que a terra o avaro oferece,/ Mais valor para ti que o céu não tenham; [...] No dia em que da lira sons forçados/ Venderes ao tirano em troco de ouro,/ Nesse dia o céu deixa de inspirar-te:/ Quebra essa lira, e cessa de ser Vate [...]/ Opróbrio ao Vate que profana a lira!/ Opróbrio, infâmia a quem insulta o Vate. (MAGALHÃES, 1999, p. 65)

Segundo Magalhães, para que a civilização da *boa sociedade* se concretizasse, os poetas precisavam compreender que, apesar

de sua proximidade em relação a Deus, sua natureza era em origem corrompida, e que eles deveriam se resguardar de seus instintos, apetites e do mundo “egoísta” no interior do qual se encontravam. E segue alertando e clamando: “Ah, não profanes o teu gênio, ó Vate! O incenso só no altar queimar-se deve! Em lago impuro não se banha o cisne, / Que manchar teme a cândida plumagem. / Imita o cisne; e como sempre as flamas / Sobem ao céu, ao céu teus hinos subam”. (MAGALHÃES, 1999, p. 66).

Magalhães reconhecia a dificuldade dessa tarefa, porque os poetas, como todos os homens, estavam expostos às inclinações e aos valores liberados por uma sociedade “egoísta”. Os poetas “brasileiros”, objeto privilegiado de Magalhães e de seus companheiros, viviam no interior de uma sociedade tomada pelos “vícios”, pelo “egoísmo”, pelo “despotismo”, cabendo a todos a atenção permanente para com o lugar a partir do qual produziam seus cantos. Deviam insistir em desconfiar de si mesmos e da sociedade na qual viviam e ir buscar junto à natureza as experiências e compreensões necessárias à determinação de sentidos adequados à vida. O que Magalhães e seus amigos percebiam era que os poetas “brasileiros” perdiam-se em meio à *boa sociedade* e faziam dela um horizonte doador de sentidos para seus cantos, ou melhor, existiam e faziam poesia a partir da observância da significância que seu mundo “egoísta” disponibilizava.

Ao “verdadeiro” poeta caberia o reconhecimento de que aquele que “profana(sse) a lira”, ou melhor, que repercutisse os valores da *boa sociedade*, cometeria “infâmia”. Entretanto, não se tratava de uma identificação simples, pois aqueles mesmos que, num determinado momento, evidenciavam a pobreza humana e ofereciam a possibilidade de experimentação da eternidade aos homens em geral, bem como evidenciavam as ideias e os costumes adequados a serem concretizados, encontravam-se expostos às ideias e aos costumes doados pelo mundo corrompido no qual viviam. Magalhães seguia desconfiado, ou melhor, entre o pessimismo e a esperança, porque os poetas, entes especiais e fundamentais à civilização do Império, encontravam-se expostos

e descuidados e iam concretizando sentidos fundados a partir do modo de ser do “egoísmo”.

A viagem à França e as saudades

Magalhães parte rumo à França, no ano de 1833, essa viagem foi decisiva para a fundação de um projeto que visava reencantar o mundo e produzir, ao fim e ao cabo, uma sociedade cristã fundada na modéstia e no amor à pátria. Em verdade, nos anos imediatamente anteriores à sua partida, Magalhães encontrava-se profundamente pessimista em relação à possibilidade de os homens em geral insistirem na vida e de conquistar alegria e realizações significativas, não à toa consultou Monte Alverne sobre a possibilidade de se retirar do mundo, enclausurando-se. É, no entanto, no momento mesmo em que se afasta do que considera ser sua “pátria”, no próprio movimento de exílio, que sente a necessidade de continuar vivendo, que experimenta e produz alegrias passadas e, então, guarda certa distância dos poetas ingleses e passa a pensar o mundo como passível de ser usado para a alegria. Somente aí nasce seu projeto de intervenção e de transformação sociais, ou melhor, aí nasce a própria tensão entre pessimismo e desconfiança, por um lado, e otimismo e esperança, por outro. Após o exílio, Magalhães abandona seu pessimismo radical e passa a ser, a um só tempo, pessimista e esperançoso. Acompanhem as lembranças produzidas pelo poeta em relação à sua partida rumo à França, e isso já a caminho, já iniciado seu exílio.

Adeus, ó Pátria amada,/ Terra saudosa, onde eu abri meus olhos/
Pela vez prima ao sol americano;/ Onde nos braços maternais
suspenso,/ O teu amor co'a vida/ No albor dos anos meus fruí
gostoso./ Ó margens do Janeiro,/ Eu me ausento de vós com
mágoa e pranto!/ Adeus, brilhante céu da terra minha!/ Adeus, ó
serras que vinguei difícil!/ Adeus, sombras várzeas,/ Que vezes
passeei meditabundo./ Adeus, augustas torres/ Do templo, onde
lavei-me do pecado!/ O som funéreo dos sagrados bronzes/ Ainda

vem magoar os meus ouvidos,/ E n'alma despertar-me/ Tristíssimas,
cruéis reminiscências./ Eis ali a montanha/ Cujos pés beija o mar
que em flor se esbarra./ Quantas vezes ali triste, sentado,/ Minha
alma no infinito se espriava,/ Os olhos vagueando/ Sobre este
mar, que deve hoje levar-me! (MAGALHÃES, 1999, p. 353-354)

É em meio à “mágoa e o pranto” que o poeta se despede do Rio de Janeiro. No caminho experimenta/produz, novamente, lugares e companhias que até então se encontravam obscurecidos pela dinâmica da cotidianidade. Magalhães, em agonia e prostração mediante a vida em sua dinâmica transformadora, tornara-se insensível em relação a tudo aquilo que o permitia sustentar a própria existência, porque era só tristeza. Na perda, porém, conquista intimidade, a partir da distância experimenta/produz seu passado.

O tom de seus versos muda, não é mais o do pessimismo e da tristeza radicais. Agora, passa a testemunhar sua alegria, fala de sua “pátria”, espaço no interior do qual “abriu seus olhos”, ganhou a vida. E, aqui, o momento original de diferenciação, a saber, o “abrir os olhos”, o que significa tomar parte da vida, aparece como possibilidade de experimentar alegria. O nascimento, que é o movimento do não-ser ao ser, é relatado pelo poeta como possibilidade de experimentação de momentos agradáveis e, por conseguinte, agradece à sua “pátria”, que por “amor co’a vida” protegeu-o em “braços maternos suspensos”, os braços de sua mãe, e permitiu que ele pudesse, “no albor dos anos”, “fruir gostoso”, conquistar momentos alegres.

A partida em direção à Europa arranca a ele um conjunto de lembranças que, até então, encontrava-se obliterado no interior de uma vida solitária dedicada ao sofrimento, à dor causada por certa compreensão do que a existência seria em essência – dor e esforço sem sentido. Sua mãe, seu “sol”, suas “serras” e “várzeas”, suas “torres do templo”, “montanhas” e seu “mar” aparecem na medida em que são arrancados ao poeta pelo distanciamento e pela saudade. Magalhães lembra do que fora fundamental: de seus passeios pelas “serras” e “montanhas”, passeios nos quais

meditara e encontrara a companhia necessária à aplacação de “tristeza” pontiaguda. Nos “Templos” experimentara, uma vez mais, os cultos de Monte Alverne, cultos a partir dos quais era lançado à intuição de Deus, do eterno, e assim conquistava novos ares para viver uma vida que considerava “terrível”.⁴ “Reminiscências tristíssimas” porque o faziam sentir mais forte a distância, o exílio, mas que, a um só tempo, permitiam ao poeta compreender a alegria que poderia nascer da própria vida, nascer de cada bom encontro, de cada passeio ou missa, de cada olhar “sobre o mar” no qual sua “alma no infinito se espraiava”. Em sua despedida experimentava, novamente, dores radicais, bem como entrevia a importância de alguns elementos para a insistência na existência. Sua “pátria”, o que significa, aqui, sua mãe, montanhas e várzeas, templos e mares, ganhava evidência na medida mesmo em que fazia aparecer momentos no interior dos quais o poeta vivera com alegria e, a distância espacial e temporal, ia fornecendo o ânimo necessário à suportação e à insistência em uma existência árdua no exílio. Tocava sua vida entre esperança e pessimismo.

Provocado pela memória, o poeta descobria e produzia carinho pela sua “pátria”, por gratidão e amor aos seus pais e amigos, à sua natureza e à sua cidade, se punha numa postura ativa, de enfrentamento, anunciando que sua “pátria” estaria repleta de “traidores”, “raça espúria” que precisava ser civilizada ou mesmo destruída em nome do bem comum. Passara a lutar, em verdade, pela conservação do âmbito pelo qual nutria gratidão e, também, no interior do qual poderia experimentar, uma vez mais,

⁴ Sobre a importância de Monte Alverne para Magalhães podemos ler a poesia intitulada “Ao meu mestre e amigo” – “Eis-me em Roma! Da Pátria tão distante! / Inda de vós conservo tal lembrança, / Que às vezes se me antolha a imagem vossa; / A ela me dirijo, falo, escuto, / E cuido que ela me ouve, e me responde. / Como de um tão bom mestre, tão amigo, / Poderá o discípulo esquecer-se? / Quantas vezes aqui, nos sacros templos, / Ouço santas palavras destes padres; / Cuido ver-vos no púlpito elevado; / Mas desconheço as vozes, e nem sinto / Bater-me o coração dilacerado / Da grave dor cristã; nem em transportes / Subir minha alma ao céu como um eflúvio / Da flor erguido; então saudoso exclamo; / Quem me dera inda ouvir o grande Alverne!”. (MAGALHÃES, Gonçalves de. Op. cit., p. 227-228)

junto aos seus “compatriotas”, a alegria fundamental à suportaçãõ e à insitência adequada na vida.

Sim, eu te deixo, ó Pátria;/ E deixo-te lutando co’as procelas,/ Que no teu horizonte se abalroam./ Ah! quanta dor o coração me punge,/ Por ver alguns teus filhos,/ Baldos de pundonor, como te olvidam./ Teus filhos... Ah! cubramos,/ Se algum há, com desprezo o seu opróbrío./ Feras serpentes que entre mansas aves/ Se aqueceram nos ovos, e mal nascem/ Dilaceram os filhos,/ E as próprias aves que lhes deram a vida./ Malévolos sicários,/ Raça espúria, sem pátria, ermos de brio,/ Já traidores alfanges afiando,/ O ensejo só aguardam favorável/ De ensopá-los no sangue/ Daqueles a quem bens e honra devem./ Não é pavor, nem susto/ De aos pés calcado ser de intrusos Neros,/ Nem de rojo levado ao cadafalso,/ Que hoje arrancar-me de teu grêmio pode;/ Nem a ambição me acena/ Qu’eu vá mercadejar por longes terras./ Não, eu não temo a morte,/ Nem dos tiranos temo a catadura;/ Sei firme assoberbar adversos fados;/ Que o varão, que o dever toma por norte,/ Sempre a pátria antolhando,/ Morte honrosa prefere à vida escrava. (MAGALHÃES, 1999, p. 355-356)

Segundo Magalhães, sua “pátria” estava infestada de inimigos “malévolos”, de “sicários”, ou seja, assassinos de aluguel, dispostos a cometer toda sorte de crimes. Aqui encontramos a denúncia recorrente do poeta, a saber, o Império do Brasil estava repleto de homens “maus”, o que significa, nesse contexto, homens que não cuidam do bem comum, a não ser de interesses “egoístas”. “Traidores”, incapazes de guardar admiração e respeito por aqueles “a quem bens e honra devem”. Em verdade, não cultivavam nenhum valor em especial e estavam preocupados com a realização de seus desejos arbitrários mais imediatos. O Império encontrava-se povoado por “tiranos”, a quem declarava guerra: “que o varão, que o dever toma por norte,/ Sempre a pátria antolhando,/ Morte honrosa prefere à vida escrava”.

O poeta anotava que a sua “pátria” corria risco significativo, porque possuía inimigos ferozes, imprevisíveis e “ambiciosos”

que não possuíam convicção alguma, “intrusos Neros” capazes de destruir a todos, não importara o partido, inclusive a si mesmos. Magalhães dedica, então, a sua vida à “pátria”, porque compreende que sua própria existência, bem como a de seus amigos, irmãos e pais, seus “compatriotas” em geral, dependia da conservação desse âmbito no interior do qual se tornava possível a suportação e o reencantamento da vida – espaço ideal à conquista do ânimo necessário ao próprio enfrentamento e civilização dos homens e mulheres “egoístas” que “atraiçoavam” a sua “pátria”.

Amor da sapiência,/ Desejo de colher lições do mundo/ Me leva às margens do soberbo Sena,/ Para, se me não for avessa a sorte,/ Ante o altar da Pátria/ Meus serviços prestar vir respeitoso./ A ti me voto inteiro,/ Tu és o meu amor, minha alma é tua./ Só para te ofertar flores cultivo/ Nos mágicos jardins da Poesia;/ Se te apraz teu aroma,/ Ah! como fico de prazer ufano! (MAGALHÃES, 1999, p. 356-357).

Magalhães quer se lançar ao mundo – “desejo de colher lições do mundo/ me leva às margens do soberbo Sena” –, e isso com o intuito de colher lições suficientes ao enfrentamento dos homens “maus”, “egoístas”, que insistiam em provocar sua decadência.⁵ O poeta encontra na “pátria” uma razão para viver, ou ainda melhor, o motivo de sua poesia, e isso, como já mencionamos, porque nela encontrou através da saudade a alegria necessária ao reencantamento do mundo. Sua “pátria” passa a ser seu “amor”, o que significa dizer que ela é o ânimo que o permite experimentar estímulo radical, a ela Magalhães dedica sua poesia. Todavia o tom pessimista, que também chamamos de desconfinça, fazia-se

⁵ Um poeta melancólico como Borges de Barros, escreve, antes de Magalhães, uma espécie de justificativa acerca da necessidade de ir à Europa, em relação à qual as palavras de Magalhães em muito se assemelham – “De luzes sua pátria carecia,/ Ir procurá-las seu dever lhe ordena,/ E julgando que a pátria assim servia,/ Pouco lhe parecerem riscos, pena”. (Apud CANDIDO, Antonio. *A Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1964, p. 295)

mais uma vez, e a um só tempo presente, mostrando, em verdade, seu aspecto de horizonte doador de sentido para toda e qualquer reflexão e ação, porque mesmo em meio a um gesto impetuoso, em meio a uma declaração de amor à “pátria”, Magalhães, em tudo desconfiado, roga pela intervenção divina.

Ah! praza a Deus que a nuvem,/ Que obumbra ora teu céu, tão belo sempre,/ A cólera do Eterno não desabe/ Sobre as tristes cabeças de teus filhos!/ Ah! praza a Deus que nunca/ Teu Anjo tutelar fuja a teus lares!/ Ó Senhor, tu protejes/ O povo que se vota à Liberdade;/ A Liberdade é dom que nem tu mesmo/ Aos homens tiras; como um mortal ousa,/ Erguido pó da terra,/ Eclipsar os teus dons, manchar teu nome? (MAGALHÃES, 1999, p. 357)

Não eram poucos os homens “maus” e “egoístas” que, segundo Magalhães, impossibilitavam o reencantamento do mundo e a fundação de uma sociedade apta a perseverar e a progredir no interior de uma vida terrível, de uma sociedade alegre orientada pela modéstia e pelo amor cristãos, ao contrário, aliás, o “céu” da “pátria” encontrava-se nebuloso, incapaz de aparecer em todo seu resplendor e de orientar o homem a assumir sua finitude e experimentar, por conseguinte, a medida da eternidade, o “céu” da “pátria” encontrava-se “obumbrado”, coberto de sombras. E Magalhães assinalava a necessidade de se lutar, de colocar-se num movimento de conquista do que deveria ser sob a pena de tornar-se vítima de uma corruptela qualquer de “Nero”, ou melhor, ser vítima da ruína completa, do desaparecimento de todos sem exceção. Nada garantia, ao fim, que a proteção da “pátria” fosse possível, por isso o poeta rogara a Deus e pedira que: “A cólera do Eterno não desabe/ Sobre as tristes cabeças de teus filhos!/ Ah! praza a Deus que nunca/ Teu Anjo tutelar fuja a teus lares!”

O que sublinhamos é a permanência do pessimismo em Magalhães, uma disposição afetiva que também acompanha cada linha dos seus escritos, inclusive nos momentos radicalmente marcados pela anunciação de certa alegria e esperança na civilização de sua “pátria”. Aqui falamos de dada tensão

explicada pela quebra na convicção de que o mundo caminharia, necessariamente, em direção ao progresso, a despeito do homem. Magalhães e seus companheiros se movimentam no sentido de produzir condições de possibilidade para a conquista do progresso moral e material de sua “pátria”, no entanto, mesmo esperançosos, permanecem desconfiados e pessimistas.

Em cada proposta positiva em favor do progresso da “pátria” permanecia o sentimento de desconfiança acerca da possibilidade de êxito, desconfiança que transformava boa parte dos escritos do poeta em ladainha: “Ó Senhor, tu protejes/ O povo que se vota à Liberdade”. Oração que possui duas características que só podem ser bem compreendidas se as lermos a partir da chave do pessimismo como sendo um de seus horizontes doadores de sentido. A primeira característica é o tom desafiador da prosa do poeta, próprio à retórica barroca, à retórica de um Vieira, por exemplo.⁶ Magalhães, não pela primeira vez, desafia a Deus afirmando algo que nem a perfeição seria capaz de negar ao homem, aqui a liberdade: “A Liberdade é dom que nem tu mesmo/ Aos homens tiras”, e isso era justo porque ainda apostava na

⁶ Acompanhemos o tom de desafio que funda a oração de Vieira: “Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor, senão justiça. Se a causa fora só nossa e eu viesse a rogar só por nosso remédio, pedira favor e misericórdia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e glória, e pelo crédito de vosso nome – *Propter nomen tuum* – razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre este pressuposto vos hei de argüir, vos hei de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que também vos hei de convencer. Se chegar a me queixar de vós e a acusar as dilatações de vossa justiça, ou as desatenções de vossa misericórdia: *Quare abdormis? quare oblivisceris?* Não será esta vez a primeira em que sofrestes semelhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda que também vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me há de dar vossa mesma graça as razões com que vos hei de argüir, a eficácia com que vos hei de apertar e todas as armas com que vos hei de render. E se para isto não bastam os merecimentos da causa, suprirão os da Virgem Santíssima, em cuja ajuda principalmente confio”. (VIEIRA. *Sermões*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960, p. 20-21).

possibilidade de civilizar o Império. No entanto, desconfiava e argumentava orientado por certo temor, o de que os homens e mulheres da *boa sociedade* tivessem perdido a “liberdade”, ou ainda, a autonomia da razão e da vontade necessária à superação das inclinações e à concretização do bem comum. Temor que provocava o poeta a desafiar a Deus, ente compreendido como perfeito, lembrando-o daquilo que seria a sua própria lógica.

A segunda característica, anunciada na mesma passagem, é a de que Magalhães está evidenciando a tarefa humana de constituir uma vida estável, uma tarefa que exigiria ao homem esforço significativo, pois, se caso falhasse, o próprio Império decairia, enfim a responsabilidade pela existência deste recaía nos ombros do próprio homem, e isto porque Deus sempre havia feito sua parte. Enfim, se Magalhães afirma que o mundo é uma responsabilidade dos homens, porque Deus já fizera e continuava realizando sua parte “dia e noite”, o faz porque acredita na possibilidade de o homem cumprir a parte que lhe cabe na conquista do progresso da humanidade e, a um só tempo porque nutre uma desconfiança radical em relação ao êxito dessa tarefa. Magalhães segue, em verdade, em sua postura tensionada entre o pessimismo e a desconfiança, por um lado, e o otimismo e a esperança na possibilidade do progresso moral e material do Império do Brasil, por outro.

Cara Pátria, sem susto/ Tua fonte levanta majestosa,/ Como tuas montanhas, e teus bosques!/ Não sejas só no mundo conhecida/ Por teus ricos tesouros,/ Pelos prodígios da sem par Natura./ Ó Pátria, avante marcha;/ Já em teu seio encerras Varões dignos/ De renome imortal; não te envergonhes/ De cingir-lhe as fronteiras, de apontá-los./ São eles que te escoram,/ E que te hão de elevar à Eternidade. (MAGALHÃES, 1999, p. 358)

Magalhães faz ver que não deseja que o Império do Brasil seja reconhecido apenas em função de seus “ricos tesouros” e de sua natureza. Esta natureza não garante por si mesma a construção de uma “pátria” ordenada e capaz de progresso moral e material.

Aos homens e mulheres da *boa sociedade* seria necessário um movimento no sentido de aproximar-se da natureza, de auscultá-la e de permitir, por fim, que ela os orientasse no sentido de reconhecer sua finitude e de experimentar a medida oferecida pela eternidade, cabendo a eles, ainda, as tarefas de concretizar os imperativos morais universais, em especial o amor e de produzir, junto à natureza, as riquezas necessárias ao progresso moral e material. E continua:

As solitárias ondas/ Que hoje sonoras tuas praias beijam,/ Já outrora, não pedras, não espuma,/ Mas cadáv'eres, e sangue arremessaram,/ Cadáveres, e sangue/ Dos nascidos nos teus sagrados bosques./ Se inimigos ousarem,/ Armados contra ti, em frágeis lenhos,/ Expelir o trovão, o raio, e a morte,/ Abrir-se-ão estes mares a sorvê-los;/ Seus lívidos cadáveres/ Tuas areias juncarão de novo. (MAGALHÃES, 1999, p. 358- 359)

Esperançoso, Magalhães sublinha uma espécie de coexistência; de um lado estariam os poucos homens que compreenderiam os caminhos adequados que deveriam ser trilhados, os “Varões dignos”, que à sua época a “pátria” “já encerrava”, do outro lado os homens “maus”, “egoístas”. Aqui reaparece algo como uma confiança no presente e no futuro, um presente que traria, além dos homens capazes de realizar a revolução moral pretendida, uma espécie de calma – “solitárias ondas que hoje sonoras tuas praias beijam” – isso ao contrário das ondas do passado – que faziam aparecer os “cadáveres” e o “sangue” dos “brasileiros”, os “nascidos nos sagrados bosques”. Aqui, Magalhães se remete ao passado, à época colonial, evidenciando-o como um momento no qual imperava o “egoísmo” e a “maldade”. O presente, diferentemente do passado, já se apresentava como um âmbito propício às transformações necessárias ao progresso do Império do Brasil. Então, o poeta dá mais um passo no sentido de sublinhar uma postura otimista e esperançosa, a saber, vaticina a queda necessária dos inimigos da “pátria”, pois caso usem “armados contra ti (contra a “pátria”), em frágeis lenhos,/ expelir o trovão, o

raio, e a morte,/ abrir-se-ão estes mares a sorvê-los;/ seus lívidos cadáveres/ tuas areias juncarão de novo”.

Acompanhamos um Magalhães esperançoso, talvez em seu momento mais confiante, pois se antes havia destacado a necessidade de o homem saber concretizar a natureza, transformando-se em sintonia com ela, agora parece crer numa atividade autônoma da natureza, que, de alguma forma, protegeria, necessariamente, àqueles que se colocassem no justo caminho. Se Magalhães revela a necessidade de o homem colocar-se numa postura transformadora do real, o que o faz correr riscos significativos, inclusive o risco de perder a vida, pois o próprio autor revela que está disposto a morrer pela “pátria” – “não, eu não temo a morte,/ nem dos tiranos eu temo a catadura”, evidencia, a um só tempo, poucas linhas depois, algo como uma força interna e autônoma à própria natureza, que tenderia a um fim, a saber, a destruição dos inimigos da “pátria”.

No entanto, se bem compreendida, a esperança do poeta numa espécie de assunção necessária do progresso de sua “pátria” aparece menos como uma convicção do que como uma desejo, porque, também, pessimista e desconfiado, Magalhães espera que seja assim, espera que a natureza, na hora de maior aflição, possa destruir seus inimigos. Termina o poema, que tem como tema fundamental sua despedida da “pátria”, com uma espécie de oração, com uma nova ladainha fundada em desejo e temor, porque não pode assegurar o triunfo de sua “pátria”. Ao fim, parece satisfeito em se assegurar da possibilidade de retornar à sua “pátria”, mesmo que por algum tempo apenas, para experimentar, uma vez ainda, o amor de seus pais, a visão de seu mar, de suas montanhas e de sua igreja, a voz de seu padre Monte Alverne. Em meio à possibilidade de tantas batalhas e da derrota fatal, aparece a esperança-ladainha de ao menos voltar e de apenas vivenciar tudo ainda uma vez mais: “Como serei ditoso/ Se dado ainda me for correr teus campos,/ Beijar de anosos pais as mãos rugosas,/ Abraçar os amigos, e arroubado/ Nesse celeste instante/ Novos, ó Pátria, cânticos tecer-te.” (MAGALHÃES, 1999, p. 360).

O amor pela pátria

Magalhães já havia sido tomado pela saudade e, a partir dela, sua vida ganhara novo horizonte. Desde então, o existir recebia sentido, este era fundado na defesa daquilo mesmo que possibilitaria a ele e aos outros homens resistir às “agruras” do mundo e a experimentar a medida do eterno, a saber, a “pátria”, ou ainda, os pais, as montanhas, mares, a igreja etc. Os *Suspiros Poéticos e Saudades*, livro de poesias escrito desde a partida de Magalhães para a Europa (1833) e publicado no ano de 1836, são constituídos no interior de uma experiência de estranhamento radical que devemos acompanhar mais detidamente, experiência capaz de reencantar a vida, fazendo a existência aparecer como algo válido, algo capaz de oferecer alegria. Após idas e vindas, Magalhães conquista, através do exílio, da saudade da “pátria”, uma alegria substancial que vai dividir espaço com o seu pessimismo, realizando um verdadeiro *tour de force*. Acompanhemos:

Desaparece o sol, o céu negreja,/ O rígido aquilão em fúrias brama,/ E em cada vaga a morte armada se ergue./ Hei de eu morrer, ó Pátria,/ Sem que um suspiro teu sequer mereça?/ Sem que minha existência útil te fosse?/ E este mar cavará o meu sepulcro?/ Meu corpo rolará entregue às ondas,/ Té que os marinhos tigres o devorem?/ Não terei uma campa, um epitáfio,/ Onde no dia aos mortos consagrado/ As lágrimas de amigo se deslizem? (MAGALHÃES, 1999, p. 367).

O poeta relata sua experiência na travessia do Atlântico, num dia sem sol de céu cinzento. O mar “brama” significa dizer que as ondas se movimentam violentamente em “fúria”; o poeta revela o quanto está preocupado com um possível desastre, com o desastre e com uma morte terrível, aí Magalhães começa a se afastar de seu arranjo com a morte. Magalhães descreve, com riqueza de detalhes, o medo que o assoma. Seu corpo “rolaria entregue às ondas” até que fosse “devorado” pelos “marinhos

tigres”, os tubarões. Não teria direito, sequer, a um enterro digno, o que significa em sua “pátria”, não teria direito à visita de seus “amigos” e familiares. Mas algo mais se coloca através do texto de Magalhães, continuemos.

A tempestade que enfrenta o faz temer a morte e querer a vida, entretanto, não se trata de qualquer vida. Aqui recorreremos novamente ao poema transcrito acima e percebemos que, se por um lado, o poeta descreve o medo que possui da morte junto ao seu desejo de continuar vivo não o faz a partir de uma preocupação exclusiva consigo mesmo, o contrário, aliás. A preocupação que possui para consigo mesmo aparece como desdobramento do amor que contraíra desde sua partida para com o que chamara de “pátria”. Gostaria de continuar vivendo para retornar à sua “pátria” e para “lutar” por ela, diz – “hei de morrer, ó Pátria,/ sem que um suspiro teu sequer mereça”. Quer viver pela “pátria” mesmo que sem glórias, pois é isso que classifica como sendo uma existência significativa, “útil”.

Eu estava tranqüilo.../ Como um brando regato serpenteia/ Entre florida, perfumada relva,/ Ou como a lua plácida fulgura/ Na abóbada celeste,/ Reclamada de nítidas estrelas,/ Assim os dias meus se devolviam/ Em suaves vigílias, brandos sonos./ Tinha um pai, uma mãe, irmãos, amigos;/ De baixo de meus passos se movia,/ Sem qu’eu sentisse, a terra;/ Ora de humana voz ternas cadências/ As passageiras mágoas me adoçavam;/ Ora coberto com dósseis de folhas,/ Que em chuveiros de flores me cobriam,/ Terno cantava ao som da flauta agreste/ Que o sabiá simula./ Se no cume da serra a tempestade/ Caliginosos braços estendia;/ Se nas torres dos templos se esbarravam/ Lampejantes coriscos;/ Na paterna mansão, ermo de susto,/ Escutava o trovão, e o hino excelso/ Que entoavam meus pais venerabundos./ Oh! Com que rapidez tudo se muda!/ O homem nem prevê próximos males! (MAGALHÃES, 1999, p. 368-369)

Aqui, Magalhães descreve/ressignifica seu passado a partir de sua experiência do exílio. Ele descreve seus infortúnios e,

ao mesmo tempo, os sentidos essenciais à superação de tais momentos, sentidos oferecidos pela sua “pátria”. Ele anota que vivera, ao fim e ao cabo, uma vida “tranquila”, não porque era idílica, livre de quaisquer problemas, pelo contrário, sua existência era marcada por “mágoas”, por “tempestades” e “trovões”, reconhece. Todavia, sublinha, também, que algumas pessoas e espaços, mesmo que até então não percebidos, ofereceram a ele a própria possibilidade de superação e de conquista de momentos alegres.

Já na Europa, sua existência seguia sendo assaltada, insistentemente, pela dor e pela “mágoa”, mas algo permitia sua reabilitação, conservava seu ânimo. Sua “pátria”, a um só tempo lembrada e produzida, fornecia a possibilidade da alegria e o desejo de insistir. Lembrara de seus pais, que o apresentaram à religião católica através de orações que lhe ensinaram a venerar a Deus, seus pais que “venerabundos”, “entoavam hino excelso”. Revivia, também, a companhia de seus “irmãos” e “amigos”, presenças que o auxiliavam no sentido de sustentar as agruras que vivia na Europa, bem como recordava a natureza, as “relvas” “floridas” e “perfumadas”, o “céu” e as “estrelas”, o canto do “sabiá”, a cidade e os “templos” nos quais o poeta teria encontrado suporte necessário ao reencantamento da vida, mesmo a distância, ou melhor, porque a distância. E relata, com detalhes, a experiência da tempestade terrível que enfrentara em alto-mar a caminho da França.

Sem que sequer um só prazer desfrute,/ Tudo é horror, e um vasto
cemitério./ De cada lado gigantes vagas,/ Irritadas elevam-se,
curvando/ Sobre o navio que sem tino vaga./ Negras nuvens do
sol a face enlutam;/ Soltos trovões se embatem, troam, bramam;/
Rijo sibila o vento nas enxárcias;/ Ante a proa em montanhas
espumosas/ Se pulveriza o mar, roncando horrísono;/ Gemendo
as vergas beijam/ A onda que se empola, ou já se afunda,/ Quais
débeis canas que o tufão acurva./ Que horror, ó céus! Que sorte
nos aguarda. (MAGALHÃES, 1999, p. 369)

No “Oceano”, distante da “pátria”, tudo é “cemitério”, “horror”, morte, ou seja, a possibilidade de ser arrancado à alegria provocada pela companhia dos parentes e amigos. No “Oceano”, bem como na “pátria”, há “tempestades” e “trovões”, entretanto apenas na “pátria” o poeta encontrava “braços estendidos”. Magalhães continua descrevendo o naufrágio que ia vitimando-o, bem como sua reação de temor e desespero e, por conseguinte, a conquista, de súbito, de seu amor pela existência desde a “pátria”.

Procuo embalde, cintilar não vejo/ Santelmo de esperança;/ Só vejo
a morte abrir a foz medonha/ Em cada vaga, que engolir promete/ O
lenho, surdo à voz do palinuro./ As velas ferram desmaiados nautas,/
Rouqueja o capitão, soa a buzina,/ Mulheres tremem, criancinhas
choram,/ E sobre a bomba passageiros curvos/ Arquejando se
afanam./ [...] Ó meu Deus! Ó meu Deus, teus olhos volve/ Sobre
os filhos dos homens./ É verdade, Senhor, eles ingratos/ No
tempo da bonança se esqueciam/ Da tua onipotência;/ Ousamos,
ímpios, profanar teu nome;/ Mas piedade, Senhor, hoje invocamos.
(MAGALHÃES, 1999, p. 370-371)

Numa situação de tamanha emergência, Magalhães experimenta a finitude, a incapacidade de contornar o provável naufrágio, no qual “mulheres” e “crianças”, aparentemente frágeis e inocentes, encontravam-se, sem razão alguma disponível, à beira da morte terrível. Magalhães pensa na única possibilidade de salvação, a saber, a salvação provocada por um ente diferente de todos os demais que ali se encontravam: um ente “onipotente”. Magalhães pede “piedade” pelos que se “esqueceram” de Deus, bem como por aqueles que, como ele mesmo, até duvidaram de sua existência: os “ímpios”. O poeta lembra do passado e de sua postura desafiadora em relação a Deus, tempos nos quais andou se perguntando pela realidade deste. Em meio ao desastre anunciado, implorava pela salvação – “mas piedade, Senhor, hoje invocamos”./ “Como filhos rebeldes,/ Que os são conselhos paternais desprezam,/ Zombam mesmo dos pais, e de delírio/ Em delírio à desgraça se encaminham;/ E quando já no poço da

miséria/ Lhes brada a consciência,/ Então os pais invocam;/ E se os pais os não salvam, ali morrem./ Tu és pai, ó meu Deus! Misericórdia!” (MAGALHÃES, 1999, p. 371).

Magalhães, numa situação de emergência, “no poço da miséria”, descreve a posição comum aos homens de sua época no Império do Brasil, a saber, a “rebeldia” e o “desprezo” em relação a Deus, ou melhor, a falsa percepção de que eram autossuficientes, fortes o bastante para solucionar os problemas oferecidos pela vida, um “delírio” anota o poeta. Magalhães grita por “misericórdia” através de suas insistentes exclamações. De súbito, segundo faz ver, dá-se calma... “Um sopro de teus lábios foi bastante/ Para armar contra nós a tempestade;/ Um sopro de teus lábios/ Basta para acalmá-la./ A tua voz, Senhor, tudo se humilha,/ O mar, a terra, o céu, o vento, o raio;/ Fala, seremos salvos.” (MAGALHÃES, 1999, p. 371-372).

O autor dos *Suspiros Poéticos* tem a percepção de que Deus havia respondido às suas preces, e Deus, ou se quisermos a eternidade, aparece como a única possibilidade de reencantamento do real, mesmo em meio a situações as mais definitivas possíveis. Deus, aqui, ao contrário de ser aquele que assegura uma boa vida num outro mundo, passa a ser o único ente capaz de assegurar a continuidade da vida neste mundo. Uma vida alegre, em primeiro lugar, porque passa a ser orientada por um ente em tudo poderoso, a partir do qual tudo faria sentido e seria possível e, em segundo lugar, porque compreendia desde então, graças ao exílio e à saudade, que havia um âmbito privilegiado no interior do qual seria possível suportar as agruras da existência, a saber: a “pátria”. Por isso o poeta colocara sua vida a serviço de Deus e da “pátria”, àquele porque ofereceria um sentido, mesmo que nada claro, à vida, e à pátria porque seria o lugar no qual sentia-se protegido e cuidado. Passa a tempestade e o poeta segue apresentando a fé e o amor pela existência e pela “pátria” que acabara de conquistar.

Amaina o vento, o mar se tranqüiliza!.../ Maravilha de Deus!...
As nuvens subam/ A teus pés os meus hinos,/ Hinos acesos nos

transportes d'alma;/ Voem de mundo em mundo, de astro em astro,/ De um Anjo a outro, até que se harmonizem,/ E dignos sejam, oh Senhor, que os ouças./ Glória! Glória ao Senhor! Estamos salvos!/ Desaparece a morte,/ Raia o sol, ri-se o céu, o mar se aplanar!/ Glória! Glória ao Senhor! estamos salvos!/ Afaga-me a esperança,/ Que renasce no fundo da minha alma,/ Como a fênix das cinzas./ Ó Pátria, serei teu; minha existência/ Ao louvor de meu Deus, a teus louvores/ De ora avante a consagro. (MAGALHÃES, 1999, p. 372-373)

Sobre o conceito de “pátria”

A natureza

Em poema feito, já em Paris, algum tempo depois dos primeiros versos marcados pelo estranhamento radical da partida, bem como pela travessia traumática do Atlântico, Magalhães nos oferece a possibilidade de entender, amiúde, como significava o conceito de “pátria”, senão vejamos:

Longe do belo céu da Pátria minha,/ Que a mente me acendia,/ Em tempo mais feliz, em q'eu cantava/ das palmeiras à sombra os pátrios feitos;/ Sem mais ouvir o vago som dos bosques,/ Nem o bramido fúnebre das ondas,/ Que n'alma me excitavam/ Altos, sublimes turbilhões de idéias;/ Com que cântico novo/ O Dia saudarei da Liberdade?/ Ausente do saudoso, pátrio ninho,/ Em regiões tão mortas,/ Para mim sem encantos, e atrativos,/ Gela-se o estro ao peregrino vate./ Tu também, que nos trópicos te ostentas/ Fulgurante de luz, e rei dos astros,/ Tu, ó sol, neste céu teu brilho perdes. (MAGALHÃES, 1999, p. 375-376).

Aqui, o poeta descreve o que compreende como “pátria”, ela é um conjunto de sentidos determinado pelo “céu”, por “palmeiras” e “bosques”, por “ondas” e pelo “sol”. Entretanto, não se trata de qualquer céu, nem de qualquer palmeira, bosque, ondas e sol, o que está em jogo aqui não é a perfeição deste ou daquele ente,

mas a combinação perfeita de um em relação ao outro. Dizendo ainda de outra forma, partes da Europa como a Suíça e a Grécia, por exemplo, também possuiriam sol primoroso e céu límpido, entretanto, lá não existiria a combinação perfeita entre os entes naturais, um não seria para o outro⁷. Cada ente que compunha a sua “pátria” se apresentaria da forma mais esplendida necessária à experimentação da finitude e da eternidade, o céu era “belo”, as palmeiras ofereciam a “sombra” ideal para um sol “fulgurante”, os bosques reverberavam um som “vago”, que seduzia a imaginação daquele que está em seu interior, e o “bramido” das ondas dariam o toque “fúnebre” necessário a uma espécie de serenidade também fundamental. Todos esses elementos se combinariam de

⁷ Segundo o poeta, a natureza na Suíça era “belíssima”, “sol faiscante”, “montes” e “bosques de pinheiros”, que compõem “campos férteis”, no entanto, ela era bela demais, seus entes eram formosos em demasia e o homem acabara sempre enredado pelo sonho da satisfação, ou melhor, vivia entre a promessa da satisfação plena e a decepção necessária, entre a promessa do céu e a experimentação do inferno, para me utilizar de uma experiência cara a Pico Della Mirandola. Acompanhemos boa parte de seu poema intitulado “A Suíça” – “Tal como o caçador afadigado,/ Depois de em vão correr ingratos montes,/ Se ao fim vê belo pássaro que pouso/ Sobre um tronco do bosque,/ Alegre e duvidoso a arma prepara;/ E quando cuida já que é presa sua,/ Manso o vê que se escapa, e que desliza/ Nos leves ares co’as talhantes plumas,/ Triste desesperado à casa volta:/ Ou como terno amante, que de longe/ O bem amado avista, passeando/ No jardim de seus pais; contente investe,/ Já em doces idéias engolfado;/ E quando perto chega,/ E cuida ir desfrutar gratos momentos,/ Ela modesta e temerosa, os olhos/ Brandamente volvendo, se retira,/ E o malfadado deixa/ Entregue à dor, carpindo-se saudoso;/ Assim eu, ó belíssima Suíça,/ Vi teus montes, teus bosques de pinheiros,/ Teus campos férteis co’ o suor dos homens;/ Vi teu lago tranqüilo, onde se espalha,/ De cima desse trono de alabastro,/ O sol, mal que amanhece faiscante./ Assim jovem guerreiro de ouro armado,/ No polido pavês atento se olha,/ E contempla seu garbo, antes que saia/ A discorrer os campos, coruscantes./ Vi a tua cidade de Genebra,/ Tão linda como o lírio junto d’água,/ Tão graciosa como pura virgem,/ Que a roca empunha, e que maneia o fuso./ Vi-te, e meu coração portas abria/ Ao prazer fugitivo,/ Que mais ligeiro corre que o teu Ródano./ Alma alegria a mente me orvalhava,/ Tão seca de pesares;/ E a saudade da Pátria que me punge,/ Como que adormecida, menos dura,/ A farpa descansava./ Esquecido de mim, do meu destino,/ Começava a gozar-te; - e já me foges! (MAGALHÃES, Gonçalves de. Op. cit., p. 401 et. seq.).

maneira a fornecer o âmbito ideal à reflexão acerca da existência e de suas questões fundamentais e, também, à experimentação da finitude e da medida da eternidade, espaço “que a mente me acendia”, afirma o poeta. A “pátria”, ou a natureza se preferirmos, seria o lugar ideal para o exercício daquilo mesmo que permitiria ao homem existir no interior de uma vida terrível, qual seja, a reflexão e a experiência da finitude e da eternidade. Ela é vaga e fúnebre o suficiente, bela e fulgurante o bastante, tudo isso na medida exata para não paralisar o homem em função de dor ou alegrias excessivas.⁸

Mas o poeta não está em sua “pátria”, está noutra lugar, em outras “regiões”, e estas não podem ser sua “pátria”, quase não podem ser “pátria” alguma, pois são “regiões” donde o sol não vai ao encontro da sombra, e o silêncio e o ruído estão divorciados, espaços donde ora falta o toque fúnebre ora ele é excessivo, lugares desprovidos de medida, de equilíbrio. A “pátria” é, ao fim e ao cabo, o âmbito do exato, da medida, no interior do qual se torna possível manter-se atento à vida em sua dinâmica radical de transformação incessante e, ao mesmo tempo, permite o “brando sono”. Escreve o poeta:

Ó fantasia, mostra-me se podes,/ O enérgico quadro, que meus
olhos/ Outrora extasiara;/ Reaviva o fulgor do entusiasmo,/ Que
o coração abrasa/ Como o sol quando a pino os homens fere;/
Memória, hoje recorda aquelas vozes/ Dos brasilienses peitos
escapadas,/ Como do Chimborazo ardentes lavas,/ E no templo

⁸ Em relação à noção de medida, esta parece ser uma das características determinantes da “literatura do Sul”, segundo a tipologia de Mme. de Staël. Acompanhemos as palavras de Staël: “Os poetas do sul misturam incessantemente a imagem de frescor, bosques cerrados, riachos límpidos, a todos os sentimentos da vida. Não se recordam nem mesmo dos prazeres do coração sem neles misturar a idéia da sombra benfazeja que deve protegê-los dos calores ardentes do sol. Esta natureza tão viva que os cerca desperta neles mais movimentos que pensamentos. Foi um erro, segundo me parece, ter-se afirmado que as paixões eram mais violentas no sul do que no norte”. (STAËL, *Da Literatura*. In: LOBO, L. (Org.). *Teorias Poéticas do Romantismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 102)

de Deus gratas soavam./ Recita aqueles hinos,/ Que angélicas donzelas, varões probos/ Alternos entoavam neste Dia,/ Da liberdade em honra. (MAGALHÃES, 1999, p. 376-377).

Em desatino, o poeta busca “reavivar o fulgor do entusiasmo” e, para isso, longe da pátria exercita a faculdade da “fantasia” para reconfigurar em pensamento aquele âmbito ideal. Desanimado, necessita “abrasar o coração” e, para isso, parece até abrir mão das palmeiras da sua sombra, que até então marcavam sua descrição da “pátria”, e aceitar o “sol a pino que os homens fere”, que revela, desesperado, constituir sua “pátria”. Longe da “pátria”, se contradiz e declara que prefere uma espécie de desequilíbrio que só ela poderia provocar, o desequilíbrio que tende para o calor. Enfim, antes todo o sol do que toda noite, ou todo o frio. Sua memória busca recordar a “pátria”, o que significa trazê-la para perto, pois sente a necessidade de certo âmbito específico, no qual encontraria as presenças e espaços necessários à suportaçãõ alegre e esperançosa da vida. Memória e fantasia são as faculdades mais importantes para o poeta longe da “pátria”, elas permitiriam a reconstituição desse âmbito ideal. Longe, descreve sua situação infeliz.

Mas em vão, que nos ares embruscados/ O mimoso colibri não adeja,/ Nem longe do seu ninho o canto exala/ O sabiá canoro./ Ah! se ao menos a dor que me alma punge,/ E a existência me azeda,/ Um pouco se aplacasse, e doce riso,/ Filho do coração, subisse aos lábios,/ Quiçá na ausência da querida Pátria/ Pudesse, inda que rouco,/ Mais um hino ajuntar aos outros hinos,/ Com que de meu amor lhe fiz ofrenda,/ Quando no grêmio seu prazer gozava. (MAGALHÃES, 1999, p. 377).

Sua alma sente dor “pungente” e sua existência está em questão, “azedada”, definha. O coração está frio, como vimos mais acima, o que significa dizer que não é capaz de “sorrir”. Entretanto, o que parece temer não é a sua morte, propriamente, mas sim a impossibilidade de “lutar” pela “pátria”, de tecer “hinos” para

ela, de ir ter com ela uma vez ainda. Teme pela “pátria”, que se encontrava preenchida por homens “maus” e “egoístas”, homens que, na ânsia de concretizar tudo que desejavam, colocavam o bem comum em perigo.

A Europa não era a sua “pátria”, por isso desejava regressar. À Europa, em especial a Paris, sobrava cultura e, ao fim, faltava natureza. Por onde quer que andasse, o poeta se deparava com “monumentos” que lembravam fatos e homens significativos mas que, no entanto, não eram capazes de torná-lo alegre e de insitá-lo à insistência na vida.

Lá, no teu seio, a vida respirando/ Tranqüilo e sossegado,/ Ou no mar agitado, à morte exposto,/ Ou aqui nesta plaga tão remota,/ Fiel te sou, Ó Pátria; não te olvido/ Pelas grandezas que me oferece a Europa./ Estes eternos monumentos d’arte,/ Estas colunas, maravilhas mortas,/ Estas estátuas colossais de bronze,/ Estes jardins soberbos, estes templos/ São belos: mas não são de minha Pátria. Tuas virgens florestas e teus templos/ Mais me aprazem que tudo o que aqui vejo⁹. (MAGALHÃES, 1999, p. 378).

⁹ A Europa teria sido marcada pelo sangue derramado pela ambição e avareza de homens “egoístas”, sangue que tornara seu solo impuro, “seco” e “infértil”. Segundo o poeta, a Europa, talvez à exceção da França, era muito mais a lembrança de um passado faustoso do que o testemunho de um presente vigoroso, pois como podemos ler: “É Roma! É Roma! É a cidade eterna! [...] Entre suas ruínas, majestosa/ Inda Roma se ostenta./ Inda seu nome impõe respeito ao mundo,/ E entusiasmo gera./ Mas Roma entre Ruínas se me antolha/ Como essa arrependida penitente,/ Que a vã pompa do mundo desprezando,/ A cruz do Redentor humilde abraça./ Em vez de capacete, esparsa a coma;/ Em vez de cetro, cruz; o Márcio riso/ Não mais lhe habita os lábios,/ Nem lampejantes olhos mais incutem/ Terror, vingança, e morte./ Religiosa dor hoje a sublima,/ E a veste de candura, e de beleza./ Rainha das Nações, eu te saúdo!/ Mãe ilustre de heróis do mundo espanto!/ Eu te vejo, e minha alma inda duvida!/ E não sentida comoção me abala./ Esta vermelha terra, árida e seca,/ Qu’inda exala mortíferos vapores;/ Este inculto deserto, abandonado/ Dos homens, e das feras,/ Onde uma flor sequer não ri-se ao menos;/ Esta desolação, esta tristeza,/ Este horror sepulcral, que em torno gira/ Da senhora do mundo,/ Tudo ao fim aqui fala, e os olhos mostra/ As sangrentas tragédias, que juncaram/ Estes campos outrora./ De tanto sangue

Magalhães compunha um poema em homenagem à Independência de sua “pátria” num dia sete de setembro ao que tudo indica. Essa é a forma que ele encontra para escapar à saudade e à distância, instaurando, através da memória e da fantasia, uma espécie de simulacro de sua “pátria”. Longe desta sente-se fraco e anuncia seu desejo de voltar, não porque estivesse triste, apenas, mas porque pretendia retornar ao espaço no qual conquistaria novo ânimo e se tornaria forte o suficiente para “lutar” pela conservação e progresso da própria “pátria”.

Dia da Liberdade!/ Tu só dissipas hoje esta tristeza/ Que a vida me angustia./ Tu só me acordas hoje do letargo/ Em que esta alma se abisma./ De resistir cansada a tantas dores./ Ah! talvez que de ti poucos se lembrem/ Neste estranho país, onde tu passas¹⁰/ Sem culto, sem fulgor, como em deserto/ Caminha o viajador silencioso./ Mas rápidos os dias se devolvem;/ E tu, ó sol, que pálido me aclaras/ Nestas longínquas plagas,/ Brillante ainda raiarás na Pátria,/ E ouvirás meus hinos/ Em honra deste Dia, não magoados/ Co’os fúnebres acentos da saudade. (MAGALHÃES, 1999, p. 381-382).

A família

Choram por mim... Por mim a mãe querida/ Em soluços – adeus – nem dizer pode.../ Debalde balbucia; os lábios tremem,/ E a dor a voz lhe embarga.../ Banhado tem o rosto/ De cristalino pranto, e cor de sangue/ Os olhos já cansados./ Lá vejo o caro pai sisudo e grave,/ A quem anos as faces enrugaram,/ E a fonte encaneceram;/ A mão ao filho estende, e a benção lança:/ ‘Boa viagem, diz, boa

humano que a ensopara,/ De tanto ferro gasto que a cobrira,/ Conserva ainda a cor a terra estéril” (MAGALHÃES, Gonçalves de. Op. cit., p. 187-189).

¹⁰ Quando se refere à Europa, ou mesmo à França, onde provavelmente se encontrava ao escrever o poema ora analisado, o poeta insiste em não utilizar o termo pátria, antes lançara mão das palavras terra e região, agora fala em país.

viagem;/ Deus te guie, e te traga/ Na sua santa guarda,/ Sempre digno de mim, da Pátria digno'. (MAGALHÃES, 1999, p. 362).

Magalhães descreve seus pais a partir da perspectiva de sua despedida em direção à França.¹¹ A mãe chora por ele “em soluços” e com “os olhos já cansados”, e seu pai, “sisudo e grave”, estende a mão e abençoa o filho, “faces enrugadas” pelos anos. O poeta, de partida, entristece junto aos pais, recorda o quanto estes lutaram em meio à vida, se percebe frágil e, ao mesmo tempo, tem neles a “benção” e as “mãos estendidas”, o conforto, o sustento e o carinho a partir dos quais se sente protegido. Os mesmos pais que, além de companhia para as contingências da vida, foram os primeiros a apresentar o poeta à religião, o âmbito preciso a partir do qual a medida da eternidade tornou-se possível pela primeira vez.

Pais e filho desejam reencontrar-se. Praza a mãe – “Deus te guie, e te traga/ na sua santa guarda”. Ela diz ainda mais, sublinha que seu sofrimento pelo filho não era sem fundamento, pelo contrário, pois o poeta seria um bom filho, bom amigo, enfim, um elemento vital à comunidade na qual vivia. Elemento capaz de retribuir o amor a ele dispensado, importante à conservação de todos, todos, como vimos, unidos em compaixão (em *caritas*), acreditando ser aquele o único expediente possível à suportaçã

¹¹ Em um poema intitulado “Suspiro à Pátria”, Magalhães evidencia seu amor incondicional aos pais, irmãos e amigos compreendendo-os como parte fundamental de sua pátria – “Essa é a Pátria minha, a Pátria amada,/ Que a vida deu a quem me deu a vida!/ Aí respira ainda a mãe anosa,/ O encanecido pai, e irmãos razão tenho!/ Mas não me capta amor grandeza sua./ Pobre fosse ela, pequenina aldeia,/ Por ela meu amor igual seria;/ Que este nome de Pátria é tão suave/ Como o nome de mãe, de pai, de amigo;/ E a mãe, e o pai, e o amigo inda que pobres/ A um nobre coração gratos são sempre./ Venturoso suspiro,/ Ante que em doce riso te convertas,/ Nesse mágico céu da Pátria minha,/ À paternal mansão ligeiro adeja/ Como o meu pensamento;/ Beija dos caros pais as mãos rugosas,/ E soluçando diz-lhes/ Que o filho humilde a Deus rogando fica/ Por eles, pela Pátria;/ Sobre os restos de Roma, pensativo,/ Um suspiro exalou, que à Pátria envia”. (MAGALHÃES, Gonçalves de. Op. cit., p. 224-225)

de uma vida difícil e, aqui, em especial, à partida do poeta. A mãe diz: “Sempre digno de mim, da pátria digno”. Ainda de outra maneira, Magalhães era digno, segundo sua mãe, da “pátria”, o que significa da comunidade reunida em amor a partir da crença de que todos juntos se tornariam menos fracos no que tange ao enfrentamento de inúmeros “infortúnios”.

Magalhães está partindo, e já sente saudades daquela comunidade, pois entende que sua existência se tornaria um fardo pesado demais, porque estaria vivendo fora do amor que o protegera contra uma vida árida e que o provocara à alegria. Ao lembrar da partida e ao partir sente saudades, já se encontrava fraco, “coração” “gelado” e “magoado”. De partida e já na França, compreendia e produzia importância da companhia de seus amigos e familiares e descreve sua “pequena morte”:

Ternos irmãos – adeus – me estão dizendo/
Com tão fúnebre acento,/ Como se eu condenado à morte fosse./
Um por um os abraços, e adeus lhes digo./ Quero partir,... forcejo; os olhos cerro.../
Porém a dor, que o coração me preme,/ Forças me tira, e me franqueia os passos;/
Em borbotões rebentam/ Lágrimas que enxugar em vão pretendo./
Que mão gelada é esta, que me embebe?/
Duro alfange no íntimo do peito?/
Que mão desapiedada me retalha/
O coração magoado?/
Mão da saudade, és tu, eu te conheço./
Ó momento de ausência, como és agro!/
Mais agro me não foi aquele dia/
Em que, co’a morte ao lado,/ Quase caí do leito à sepultura. (MAGALHÃES, 1999, p. 362-363).

Admiração por Paris e amor pela pátria

Quase morrera, quase. Sentira a morte, pois perdia o sentido do amor, ou seja, de uma comunidade no interior da qual todos se doavam, sem medir esforços, uns aos outros, no intento de insistir em vida difícil, todos em compaixão. Imaginara-se sem estímulo e sem forças para continuar vivendo. Entretanto, experimentava essa dor, por que insistia em ficar na Europa? Justo porque ele acreditava ter de ir buscar longe o conhecimento e as experiências

ideais para lutar pela preservação e pelo seu progresso moral e material de sua “pátria”.

Já brilhava a meus olhos moribundos/ A luz de bento círio,/ Que ante um sagrado Crucifixo ardia./ Chorava minha mãe, e seus cabelos/ Sobre meu frio peito debruçavam-se./ Colocado entre o mundo e a Eternidade,/ Meu ser se dividia, e ingente peso/ O aflito coração me comprimia,/ Como se férreos braços me cerrassem./ Ah! por que inteiro conservou-se o estame/ Em luta tão cruel? E' qu'eu devia/ Sofrer mais este golpe, e da existência/ Não estava inda o círculo completo;/ Assaz não tinha o mundo conhecido;/ Conhecê-lo devia. (MAGALHÃES, 1999, p. 363-364).

Se quase perdia a “pátria”, e com isso a própria vida, “dividido entre o mundo e a eternidade”, essa dor “tão cruel” parecia ter um sentido, a saber, “conhecer o mundo”. O que Magalhães está afirmando é que a existência cobra do homem o abandono da “pátria” justo para que ele possa conhecer o mundo, e, então, tornar-se forte o suficiente para retornar e proteger a sua “pátria”.¹²

¹² Magalhães insiste em sua crítica àqueles que criam nos livros uma fonte privilegiada de conhecimento, sublinhando a importância da experiência, pois como podemos ler: “Que, o mundo, com dores só misturas/ As lições que dás?/ A experiência só com dores se colhe,/ Como uma flor de espinhos guarnecida?/ São inúteis os livros, e os conselhos?/ É tudo a experiência? A experiência é só quem nos ensina/ A ciência da vida?/ Ó infantil vaidade!/ Vós, ó jovens, cuidais que sabeis tudo,/ As páginas de um livro apenas lendo/ Dos velhos desprezais os sábios conselhos.” (Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*, p. 153). Todavia, mais uma vez aparece a tristeza e o pessimismo de Magalhães, ao afirmar que a própria experiência também é tardia, vejamos: “Experiência! Médico tardio,/ Tua voz útil fora, se mais cedo/ Em nossa alma soasse!/ De tropeço em tropeço vai-se a vida,/ Como o rio entre seixos se despenha;/ Nada o curso lhe tolhe./ Das paixões o marulho estrepitoso,/ Como o som da cascata caudalosa,/ Cobre, abafa teu eco./ Em jogo pueril, vendando os olhos,/ O infante, na planície, embalde ensaia/ Da estrada andar meio./ Ângulos forma; ao fim se esbarra a um tronco;/ Assim andamos nós olhi-vendados/ Pela estrada da vida!/ Cai-nos a venda do barranco às bordas,/ Quando nas suas lúbricas crateras/ Já nossos pés deslizam./ Vem a velhice, que melhor te escuta,/ Refletimos então; porém que importa! O

Nos livros o homem não seria capaz de encontrar o conhecimento necessário à construção de idéias e costumes eficientes à proteção da “pátria”. Por isto viaja para a Europa, por isto fica três anos exilado na França.

É qual sereno rio a mocidade,/ Que as imagens retrata, e não conhece/
O bem, e o mal, e as ilusões do mundo:/ É como verde, flácida vergôntea,
/ Que a forma toma que o cultor lhe imprime,/ E boa, ou má, não mais depois se muda./
Quem, como tu, da Pátria longe vive,/ Longe dos paternais, úteis ditames,
/ Assaz tem que lutar, se a glória aspira./ Filósofos não faltam que te instruem;/
Mas da vida, nas páginas de um livro,/ Não se aprende a ciência.
(MAGALHÃES, 1999, p. 390).

As viagens e estudos dos jovens pela Europa possibilitavam o acúmulo de experiências e enunciados teóricos importantes, mas antes disso, como condição de possibilidade disto mesmo, o exílio era oportunidade única para que não se fosse marcado, de uma vez por todas, pelo “egoísmo” e pela “maldade”, que infelizmente já orientaria, segundo o poeta, os homens maduros do Império do Brasil. Melhor dizendo, se crescer pela Europa era importante, porque lá se poderia conquistar novas sensibilidades e conhecer saberes inéditos, crescer por lá era garantia, antes de tudo, de não ser educado por aqui, o que significaria ser tomado, de uma vez por todas, pelo espírito “egoísta”, aquele mesmo que uma vez despertado (quase) não permitiria mais a possibilidade de reorientações. Os homens e mulheres responsáveis pela direção do Império do Brasil (quase) não seriam mais capazes de assumir transformações radicais, morreriam “maus”, cabendo aos jovens, ainda apaixonados pela “pátria” e não por si mesmos, fugir à educação “egoísta” e, num plano complementar, acumular conhecimentos e experiências significativas para lutar pela “pátria”

tempo é já passado!/ Do que serve ao cadáver o remédio?/ Um mestre ao moribundo? um guia àquele,/ Que marcha ao cemitério?”. (MAGALHÃES, Gonçalves de. Op. cit., p. 291-292).

ameaçada. Acompanhemos o que Magalhães descreve, ao deixar Paris por conta de uma viagem pela Europa.

Sim, a custo te deixo, augusto alcáçar/ Do progresso, da luz, da liberdade./ Vivífico remanso, onde perene/ Bebe o estrangeiro quanto apraz à mente,/ Do néctar das ciências sequiosa./ Sim, com justa razão te ornas de orgulho,/ Pátria de heróis, refúgio de infelizes,/ Vítimas do erro, que ainda a Europa preme/ Com cem braços de ferro; fugitivos,/ Em teu grêmio cabal abrigo encontram./ Mãe desvelada não mais pronta acode/ Com bondadoso peito ao tenro infante./ [...] A longes terras nutrimento envias;/ Assim os sábios, que em teu seio abundam,/ Emanam nome e saber aos outros povos. (MAGALHÃES, 1999, p. 391-392).

A estada do poeta em Paris é marcada por tensão. Em algumas poesias, que analisamos anteriormente, ele descreve seu sofrimento por estar longe da “pátria”, ou seja, da natureza e da família no interior das quais crescera e insistira em vida impossível, em outras poesias, como a que começamos a estudar, dá-se o oposto, elogia Paris, sublinhando a dificuldade que tinha para deixá-la.¹³ Isso aparece, porém, não sem um motivo especial, a saber, após o trauma e os primeiros meses

¹³ Entretanto, apesar da tensão entre a saudade da pátria e a experimentação feliz da vida em Paris, Magalhães evidencia seu objetivo fundamental, qual seja, o retorno ao Brasil. Ao fim de sua estadia em Paris, em agosto de 1836, o poeta se confessa esgotado, já não seria mais capaz de escrever suas poesias, precisava de seus pais, espaços e natureza – “Adeus, ó terras da Europa!/ Adeus, França, adeus, Paris!/ Volto a ver terras da Pátria,/ Vou morrer no meu país./ Qual ave errante, sem ninho/ oculto peregrinando,/ Visitei vossas cidades./ Sempre na Pátria pensando./ De saudades consumido,/ Dos velhos pais tão distantes,/ Gotas de fel azedavam o meu mais suave instante./ As cordas de minha lira/ Longo tempo suspiraram;/ Mas ao fim frouxas, cansadas/ De suspirar, se quebraram./ Ó lira do meu exílio,/ Da Europa as plagas deixemos;/ Eu te darei novas cordas,/ Novos hinos cantaremos./ Adeus, ó terras da Europa!/ Adeus, França, adeus, Paris!/ Volto a ver terras da Pátria,/ Vou morrer no meu país”. (MAGALHÃES, Gonçalves de. Op. cit., p. 421-422)

de exílio, acostumava-se ao novo espaço, criara amigos e percursos, reconstruía sentidos e conquistava alguma alegria necessária à insistência em uma vida que seria, em essência, árdua.¹⁴ Justo aí, a França ganha o nome de “pátria”, porque o poeta acabou conquistando por lá certa familiaridade capaz de torná-lo alegre e resistente às agruras propostas pelo real. A França se transforma em sua segunda “pátria”, âmbito no interior do qual pôde viver dias equilibrados, preenchidos por tristeza e alegria, parecidos àqueles que experimentara no Brasil. Além disso, teria se tornado mais inteligente e sensível, acumulando conhecimentos e vivências fundamentais ao enfrentamento de seus inimigos. A França “preme”, ou seja, conserta, quando ainda é possível.

A França formaria homens empenhados na defesa da liberdade, o que significa dizer homens empenhados em resguardar à razão e às artes, lugar de proeminência na sociedade, transformando-as em orientadoras, necessárias, à construção de conhecimentos eficientes para a sobrevivência e progresso da “pátria”. A França fora palco da grande Revolução, aquele movimento terrível e doloroso, afirma o poeta, que teria causado a desgraça de muitos homens e mulheres, mas que teria, a um só tempo, feito o mundo conhecer a necessidade de orientar-se pela liberdade e pelo exercício da razão, em nome do bem comum, ou ainda da “pátria” se preferirmos. A partir da liberdade e da razão fundaram um *espaço público* no interior do qual os homens exercitariam sua inteligência através de uma

¹⁴ Entretanto, uma poesia de primeiro de janeiro de 1835, já passados quase dois anos de sua estadia na Europa, evidencia o desespero do poeta em voltar, o mais breve possível, para o que considerava ser sua pátria, como podemos ler: “Vem, ano novo, vem; traze-me alegres/ Notícias de meus pais, da Pátria minha./ Traze-me este consolo,/ Este consolo ao menos, que me afague/ Na distância em que vivo./ Outra ambição não tenho, outra... E o que pode/ Minha alma cobiçar de mor valia?/ Coração como o meu, ermo de inveja,/ Isento de vaidade, a pouco aspira:/ Só de nobres desejos se alimenta./ E tornarei a vê-te, ó Pátria cara?/ Teus montes saudarei? Tuas florestas?/ Teus rios? e o teu céu azul sem nódoa?/ Ainda abraçarei os pais anosos?/ Mas em que dia? Quando?... Como tarda!”. (Ibidem, p. 196)

atividade crítica orientada pelas medidas da autonomia e do bem de todos.¹⁵

¹⁵ Segundo Antonio Candido: “Homens tais acreditavam, com efeito, na virtude quase mágica do saber, confiando na educação como alavanca principal de transformação do homem” (CANDIDO, Antonio. Op. cit., p. 247). *Espaço público*, aqui, significa um âmbito no interior do qual os mais diferentes temas, entre eles o Estado, a moralidade e a religião são criticados e discutidos a partir da premissa de que todos os que dele participam são livres, orientados pela medida da razão e da verdade. Esse conceito e essa definição ganham amplitude a partir de Immanuel Kant e de seu texto – Resposta à pergunta: Que é ‘Esclarecimento’? publicado em 1783 – e torna-se princípio de determinação no interior do Iluminismo e do próprio Romantismo no século XIX. *Espaço público* é o próprio âmbito que se constitui a partir de um conjunto de “sábios” que fazem uso do que Kant chamou de *uso público* da razão, senão acompanhemos: “Para este esclarecimento [Aufklärung], porém, nada mais exige senão *liberdade*. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um *uso público* de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, exclamar de todos os lados: *não raciocineis!* O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: *raciocinai*, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, *mas obedecei!*) Eis aqui por toda a parte a limitação da liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento [Aufklärung]? Qual não o impede, e até mesmo o favorece? Respondo: o *uso público* de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [Aufklärung] entre os homens. O *uso privado* da razão pode, porém, muitas vezes ser muito estreitamente limitado, sem contudo por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento [Aufklärung]. Entendo contudo sob o nome de uso público de sua própria razão aquele que qualquer homem, enquanto *sábio*, faz dela diante do grande público do *mundo letrado*. Denomino uso privado aquele que o sábio pode fazer de sua razão em um certo *cargo público* ou função a ele confiado [...] Em casos tais, não é sem dúvida permitido raciocinar, mas deve-se obedecer. Na medida, porém, em que esta parte da máquina se considera ao mesmo tempo membro de uma comunidade total, chegando até à sociedade constituída pelos cidadãos de todo o mundo, portanto na qualidade de sábio que se dirige a um público, por meio de obras escritas de acordo com seu próprio entendimento, pode certamente raciocinar, sem que por isso sofram os negócios a que ele está sujeito em parte como membro passivo”. (KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: Que é o ‘Esclarecimento’? (Aufklärung)*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 65-66).

Para teatro de espantosas cenas/ Teu solo assinalou Providência./
Aqui rompeu esse vulcão terrível,/ Que o mundo inteiro alumiu
co'as lavas,/ E à fileira dos reis alçou os homens;/ Aqui o rei dos
reis, terror da Europa, No trono colossal, firme no povo,/ Honras,
louros, e cetros repartia/ O jugo antigo, que a razão curvava,/
Quebrou, em ti nascido, esse Descartes,/ Que por novo teor, método
novo,/ Sublime estrada abriu à inteligência./ Malebranche o seguiu,
também seu filho./ As boas Artes, do progresso amigas,/ Filhas
da Liberdade, irmãs da glória,/ Foragidas da Itália, atravessaram/
Alpes, e Reno, e em ti seu templo ergueram./ Paris, citar teu nome
é pôr remate/ Aos elogios teus; eu te venero./ Lições em ti fruí;
como eu mil outros/ Brasileiros, que a Pátria hoje adereçam,/ Em ti
juvenis passos amestraram/ Da sapiência o brilho ofusca o do ouro;/
Só de alma estreme a gratidão é paga;/ Grato te sou no tributar
encômios/ Não lisonjeiros, que a verdade os sela. (MAGALHÃES,
1999, p. 392 et. seq.)

O que Magalhães descreve é o ambiente de liberdade intelectual e artístico que encontrara na França.¹⁶ Ambiente no qual os homens poderiam, através da razão e das artes, propor soluções para a vida prática. Esse espaço teria sido aberto pela Revolução Francesa e assegurado por Napoleão Bonaparte ao resistir às forças do “Antigo Regime”. Na França, os reis passaram a ser homens, ou seja, podiam e deveriam ser julgados a partir da competência, ou não, que demonstravam agir de acordo com a liberdade e com a razão.¹⁷ Os reis passaram a repartir o poder

¹⁶ Acompanhemos um trecho do poema “Ao deixar Paris” – “Um povo sempre é filho de outro povo;/ Um homem sem cultura não avança;/ Sem ensino os espíritos não brilham./ Quem, Paris, sem amar-te pode ver-te?/ E quem pode deixar-te sem saudade?/ Ah! Não beberei mais as eloqüentes/ Lições, que me apraziam, de teus mestres!/ Não verei mais teu Louvre apinhado/ De maravilhas tantas! Teus colégios,/ Onde vozes troavam sapientes!/ Ainda a mente me pinta os de Sorbonne/ Vastos anfiteatros coroados/ De atenta juventude! – Tudo deixo”. (MAGALHÃES, Gonçalves de. Op. cit., p. 396-397).

¹⁷ Para um estudo mais detalhado do problema da liberdade e da razão no interior do “Antigo Regime” ver KOSELLECK, Reinhart, *Crítica e Crise*. Uma

com o “povo”, o que significa com aqueles poucos que sabiam se orientar no interior do *espaço público* através da única medida válida, a saber, a razão, ou em outras palavras, com os “sábios”, os novos *aristói*. O rei e seus melhores súditos reinavam juntos porque todos aceitavam participar de um jogo orientado pela liberdade e pela razão. Como sublinha, Descartes havia mostrado um novo sentido ao mundo, o sentido da razão, bem como um método que partia da dúvida sincera, que se equilibra, como pode, sobre o exercício da conquista, uma a uma, de enunciados claros e distintos, e não da construção de sentidos a partir da simples repetição dogmática de certezas incontestes *a priori*.¹⁸

O poeta afirma ter experimentado a liberdade, ou seja, a possibilidade de se expressar através da razão e das artes, construindo, junto aos demais homens, conhecimento teórico fundamental à boa-relação dos homens entre si e em relação à natureza. No interior desse âmbito, segundo Magalhães, não há espaços para o “egoísmo” e para a arbitrariedade. O “egoísta” viveria de forma inadequada, porque agiria orientado pelos seus desejos mais imediatos, por suas inclinações, sem refletir sobre a adequação de tais desejos momentâneos à sua saúde em médio e longo prazos, bem como sem pensar acerca do bem-estar da sociedade.

Na França, Magalhães teria conquistado o projeto de construir, em sua “pátria”, um *espaço público* no qual os “sábios” pudessem produzir proposições lógicas e enunciados eficientes ao bem comum. Garantido esse *espaço*, acreditava que os dirigentes imperiais poderiam governar com eficácia, ou ainda, se organizar melhor para enfrentar a natureza, bem como para ensaiar possíveis soluções às insatisfações nascidas das relações

contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro: EDUERJ; Contraponto, 1999.

¹⁸ A admiração de Magalhães por Descartes fora inspirada pelas suas leituras de Cousin e pelas aulas de Jouffroy que assistira na Sorbonne. BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A Significação Educativa do Romantismo Brasileiro*: Gonçalves de Magalhães. São Paulo: Grijalbo, 1973. p. 31 et. seq.

entre os próprios homens e, assim, por conseguinte, sua “pátria” progrediria.

Arando o cresso Oceano, à Pátria minha/ As ciência passaram
triumfantes/ Do santuário teu, nas mãos levando/ O archote da
razão; ali brilhante/ Luz difundindo, as trevas sacudiram,/ Que
em nossos horizontes negrejavam./ (..) Como da lira consoante
vibra/ Uma corda, quando outra foi ferida,/ O Brasil teus triunfos
aplaudindo,/ Co’as tuas explosões harmonizando,/ Assim espessos
vence, e igual triunfa./ Ó Brasil, porventura lisonjeiro/ Serei no meu
dizer? Donde te veio/ A Ciência das Leis, a Medicina,/ A Moral, os
costumes que hoje ostentas?/ Quem te ensinou a perscrutar teus
campos,/ A pesquisar segredos, que a Natura/ Em cada verme,
em cada flor oculta?/ Quem teu gênio subiu ao firmamento,/ E os
mistérios dos astros revelou-te?/ Quem a tela, de cores matizando,/
Mostrou-te retratada a Natureza,/ Teus heróis, tua história, teus
costumes?/ Responda a gratidão. – Avulta, ó França!/ Marcha,
prospera; e tu, Brasil, prospera;/ Estes meus votos são, outros não
tenho. (MAGALHÃES, 1999, p. 394 et. seq.).

Segundo o poeta, a França era um país privilegiado no qual a razão era a medida necessária para a vida. Em tudo que se pretendia realizar ela era o valor fundamental, a razão fornecia os sentidos para a adequação do homem em relação à natureza e para a vida prática, toda ação humana era fundada em argumentos logicamente encadeados e empiricamente comprováveis. Na França não haveria espaço nem para o obscurantismo proveniente de um modo de ser supersticioso, nem para a arbitrariedade assentada num *éthos* “egoísta”. O homem “pesquisa segredos” da natureza, no sentido de construir esquemas propícios à sua compreensão, mesmo que problemática, aí astrônomos, físicos e pintores trabalhariam em conjunto. Abriria-se um espaço no interior do qual aqueles poucos capazes de mobilizar a razão e a arte se tornariam os responsáveis pelo destino de todos, assim a França havia progredido – “o archote da razão; ali brilhante/ luz difundindo, as trevas sacudiram” –, assim o Brasil havia de

“prosperar”, segundo os “votos” de Magalhães. A França aparece como o berço no qual os jovens “brasileiros” cresciam protegidos do “egoísmo” e aprendiam a mobilizar e a valorizar a razão e a arte, tornando-se, necessariamente, inimigos do obscurantismo e da arbitrariedade, que orientariam os saberes e a política institucional no Império do Brasil. Magalhães retorna esperançoso à sua “pátria”.

Esperançoso mas ainda pessimista e desconfiado, anotamos. Magalhães evidencia, mais uma vez, a tensão que habita sua visão de mundo, tensão entre pessimismo e desconfiança, por um lado, e otimismo e esperança em transformar o real, por outro. Deixa a Europa com o fito de fazer aparecer, no Império do Brasil, homens capazes de se orientar pela razão e não pelos seus desejos mais imediatos, para, uma vez mais, colocar em xeque a própria viabilidade de seu projeto. Deixa aparecer seu pessimismo, duvidando, inclusive, da possibilidade de Deus salvar sua “pátria”. A um só tempo, tecia palavras elogiosas e esperançosas acerca do que aprendera na França, sublinhando a necessidade de instaurar em sua “pátria” um *espaço público* determinado pelas medidas da liberdade e da razão, por um lado, mas anunciava, desconfiado (e até desesperado), um real que insisita em recusar suas intervenções e, intensificando seu estilo barroco, denunciava um Deus que parecia “surdo às suas preces”, por outro lado. Acompanhemos:

Tu suspiras, ó Pátria!/ Co'os teus meus suspiros se misturam./ E que fazer eu posso?/ Se é surda a Providência às preces tuas,/ Que pode a frágil mão de um filho inútil?/ Os teus suspiros/ A mim chegaram,/ E me abalaram/ O coração./ Socorro dar-te/ Embalde intento,/ E só aumento/ Minha aflição./ Qual naufragante/ Que uma onda impele,/ Outra o expele/ Ao alto-mar;/ E de onda em onda/ Sendo rolado,/ Já lacerado,/ Vai encalhar./ Mas na praia não achando/ Um asilo protetor,/ O alento último exala,/ E a alma envia ao Criador./ Assim morreis, suspiros, em minha alma,/ Depois de haver o Oceano magoado. (MAGALHÃES, 1999, p. 295-296).

Referências

ARAÚJO, Valdei Lopes de. *A Experiência do Tempo. Conceitos e Narrativa na Formação Nacional Brasileira (1813 – 1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A Significação Educativa do Romantismo Brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. São Paulo: Grijalbo, 1973.

CANDIDO, Antonio. *A Formação da Literatura Brasileira (Momentos decisivos)*. v. 1. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1964.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HARTOG, François. *Regimes D'Historicité. Présentisme et Expériences du Temps*. Paris: Seuil, 2003.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é o 'Esclarecimento'? (*Aufklärung*). In: *Immanuel Kant: textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ; Contraponto, 1999.

_____. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Suspiros Poéticos e Saudades*. Brasília: UNB, 1999 (1836).

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. Transmigrar – Nove Notas a Propósito do Império do Brasil. In: PAMPLONA, M. A.; STUVEN, A. M. (Org.). *Estado e nação no Brasil*

e no Chile ao longo do Século XIX. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

MOREL, Marco. *As Transformações dos Espaços Públicos: Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

NEVES, Lúcia Maria Guimarães Paschoal das. Opinião Pública. In: JUNIOR, J. F. (Org.). *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz Santos; FERREIRA, Bernardo. Cidadão. In: JUNIOR, J. F. (Org.). *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

STAËL, Mme. de. Da literatura. In: LOBO, L. (Org.). *Teorias Poéticas do Romantismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

VIEIRA. *Sermões*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.

Recebido em março de 2011.

Aprovado em abril de 2011.